

ANTROPOLOGIA, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ARTIGO DE MOURA E LOVISOLO*

Dr. JOCIMAR DAOLIO

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (Gepefic)

Email: jocimar@fef.unicamp.br

RESUMO

Este texto origina-se do artigo de Diego Luz Moura e Hugo R. Lovisolo, intitulado "Antropologia, cultura e educação física escolar", publicado neste periódico no volume 29, número 3, maio de 2008, que teve por objetivo a análise de parte de minha produção acadêmica. Mais e além de uma resposta aos autores, procuro fazer uma revisão de alguns temas específicos oriundos da antropologia e sua relação com a educação física presentes em minha obra.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia; cultura; educação física escolar.

* Agradeço a Alan Marques da Silva, Ana Carolina Capellini Rigoni, Emerson Luiz Veloso, Patrícia do Prado, Rogério Cruz de Oliveira, Sérgio Settani Giglio e Simone Cecília Fernandes, membros do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (Gepefic), pela profícua discussão que motivou este artigo.

No momento, porém, estou contente por ter a oportunidade de montar minha própria lenda e arguir o meu próprio caso antes que os necrologistas me apanhem. Ninguém deve encarar o que fiz aqui como mais do que isso. (GEERTZ, 2001, p. 29)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir do artigo de Diego Luz Moura e Hugo R. Lovisolo¹, que teve por intenção discutir a educação física escolar a partir de minha obra. Devo declarar, inicialmente, que ter minha obra (ou parte dela) analisada por Moura e Lovisolo é um privilégio e uma honra, embora eu não precise necessariamente concordar com todas as críticas empreendidas pelos autores, como discutirei adiante.

No resumo, os autores declaram inicialmente que o texto analisa a “produção de Jocimar Daolio, apontando suas inconsistências e lacunas”, porém alertam que o objetivo principal não é esse, “mas sua utilização para esclarecer algumas das confusões que vigoram na área dos estudos culturais e pedagógicos da EF escolar”. Ao longo do texto, pode-se perceber que o objetivo parece não ser alcançado, na medida em que os autores se detêm na descrição do que eles entendem como “inconsistências e lacunas” de minha obra e secundarizam a discussão sobre a área de educação física escolar, que, sem dúvida, tem recebido influências de outros autores e outras produções. Quando eles intencionam “esclarecer as confusões que vigoram na área” a partir de minha obra, parecem querer afirmar que parte dessas confusões se deve à minha produção.

Para esse intento, os autores escolhem algumas obras de minha autoria, abarcando um período de tempo que percorre uma década, de 1995 a 2005. É plausível que, em virtude dos limites de espaço de um artigo, não teriam como analisar todas. Na verdade, a primeira obra considerada na análise, o livro *Da cultura do corpo*, publicado em 1995, é uma versão da dissertação de mestrado de 1992. É compreensível que num período tão grande algumas mudanças de perspectiva e de aprofundamento, frutos da própria maturidade, ocorram com todos os autores, sendo difícil fazer uma análise pontual cotejando uma obra mais antiga e outra mais recente. É uma tarefa difícil e inglória para todos aqueles que se propõem à análise de obras de um mesmo autor escritas em períodos diversos, sob motivações variadas e influenciadas por diferentes fatores, como o próprio movimento e intensidade do debate acadêmico.

1. Trata-se do artigo “Antropologia, cultura e educação física escolar”, de autoria de Diego Luz Moura e Hugo R. Lovisolo, publicado neste veículo em seu volume 29, número 3, páginas 137 a 153, de maio de 2008.

Na introdução afirmam que há duas linhas que vinculam a intervenção da área ao termo “cultura”, a primeira reconhecida nas propostas do Coletivo de Autores² e a segunda constituindo-se em seu objeto de análise. Há que se assinalar aqui que os autores desconsideram outros importantes estudiosos que se têm debruçado sobre o campo da cultura e sua relação com a educação física escolar, tais como Elenor Kunz, Mauro Betti, Valter Bracht, Francisco Caparroz e outros. Declaram que optam por analisar minha obra pela “visibilidade na educação física”, mas não se indagam sobre os motivos pelos quais algumas proposições repercutem mais que outras, adquirindo maior visibilidade. De qualquer forma, como afirmei, sinto-me honrado e gratificado pela repercussão de minha obra e pelo fato de essa visibilidade suscitar textos e debates como este.

Fiz e continuo fazendo o que muitos fazem no meio acadêmico: estudei, escrevi uma dissertação e duas teses, apresentei trabalhos em eventos e publiquei alguns artigos, capítulos e livros. Se fui mais lido e minha produção obteve maior visibilidade que a de outros estudiosos, trata-se menos de mérito pessoal do que da demanda da área pelo conteúdo que produzi. Mas isso não é destacado pelos autores, que preferem falar em “lacunas”, “limites”, “falta de refinamento”, “criação de rótulos e fantasmas”, “inconsistências”, “afirmação de lugares comuns”, “descrições fracas ou magras”, “atitude pouco sólida” etc., como se a mim coubesse a culpa por iludir a comunidade científica da educação física, desconsiderando que ela se apropriou e tem se apropriado de algumas ideias que lancei de forma pioneira a partir da década de 1990.

Devo reconhecer que a inserção do debate antropológico na área de educação física deveu-se, em boa parte, às minhas produções da década de 1990. Durante o meu curso de mestrado na Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 1988 e 1992, tive contato próximo com o Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, tendo tido por orientadora duas professoras desse departamento. Esse contato propiciou-me o conhecimento de autores da antropologia, entre eles Clifford Geertz e Marcel Mauss, importantes na discussão que fiz posteriormente sobre o corpo e sobre a educação física, especialmente sua atuação escolar.

De Marcel Mauss pude discutir, entre outros, os conceitos de “Fato Social Total” e de “Técnicas Corporais”. O primeiro, para considerar as ações humanas não somente no plano físico, mas na sua relação com as dimensões psicológicas e sociológicas, enfatizando o caráter de totalidade do ser humano. O segundo, para ampliar

2. Trata-se do livro *Metodologia do ensino de educação física*, escrito por Carmen L. Soares, Celi Taffarel, Elizabete Varjal, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escobar e Valter Bracht, publicado em 1992.

o uso do conceito de “técnica” na educação física, tomando o corpo como expressão da cultura e não a partir de preceitos teóricos naturalistas que priorizam sua dimensão biofísica e secundarizam ou negam sua dimensão cultural.

A partir de Clifford Geertz, pude discutir o caráter eminentemente simbólico, processual e público da cultura, questionando e ampliando a ideia reinante na educação física de uma cultura apenas vista como produto humano. Para o autor, a cultura, além de produto, é também processo contínuo pelo qual os indivíduos dão sentido às suas ações. É a própria condição de vida de todos os seres humanos. De Geertz também pude discutir a concepção “sintética” de ser humano, em contraposição à concepção que ele denomina de “estratigráfica”, que separa os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, apontando para uma visão de totalidade do ser humano.

A introdução desse debate na educação física trouxe categorias não somente diferentes, mas inovadoras para esse debate, tais como a representação social do corpo, os significados presentes nas expressões corporais, os sentidos da prática escolar de educação física, as influências da cultura na atuação de professores e alunos, a revisão e ampliação do conceito de “técnica” na educação física, a consideração dos conteúdos da educação física como construções culturais, além de outros. Essa contribuição somou-se a de outros autores das ciências humanas, criando uma sólida vertente de conhecimentos das ciências humanas no campo da educação física que chega aos dias de hoje.

ALGUNS PONTOS ESPECÍFICOS DO TEXTO DE MOURA E LOVISOLO

Passo agora a comentar alguns pontos do texto em questão, acatando algumas críticas, refutando outras e tecendo alguns comentários. Não tendo como comentar todo o texto, opto por alguns pontos que me permitem, além de fazer uma revisão de minha obra ou alguns esclarecimentos em relação ao texto de Moura e Lovisolo, retomar algumas discussões importantes para a área de educação física.

(1) O texto de Moura e Lovisolo, quando se propõe a “corrigir” minhas interpretações sobre autores da antropologia, reiterando insuficiências e contradições em minha produção, parece, em alguns momentos, esbarrar num certo autoritarismo corretor. Os autores autoimbuem-se de uma “régua antropológica”, mostrando durante todo o texto quais os meus erros e qual deveria ser a melhor interpretação. Insistem em alguns momentos que a maioria dos antropólogos afirmaria o contrário do que afirmei. Ora, se é plenamente possível a crítica de que alguém possui uma interpretação insuficiente de determinado autor, há que se perguntar: há uma e somente uma interpretação sobre preceitos da antropologia?

Reconheço que em meus escritos mais antigos falava mais da antropologia do que o faço atualmente, atitude própria de um entusiasmado neófito descobrindo alguns autores e leituras próprias da área. Devo ter cometido algumas incorreções tentando “aplicar” ponto a ponto conceitos de uma área em outra de forma pouco aprofundada. Hoje, prefiro citar autores que continuo estudando e que me oferecem subsídios para uma reflexão no campo da educação física, como Clifford Geertz e Marcel Mauss. Porém, sempre reconheci que a incursão por alguns autores e temas da antropologia permitia pensar a educação física de maneiras diferentes e renovadas, sobretudo nos anos de 1990. Creio que isso foi (e talvez ainda seja) útil para a área de educação física, como comprova a visibilidade de minha produção, reconhecida por Moura e Lovisolo.

(2) Moura e Lovisolo têm razão quando afirmam que não fiz uma “descrição densa”, como propõe Geertz quando apresenta sua visão da antropologia interpretativa e da etnografia, procedimento característico da prática de campo antropológica. Em meu livro *Da cultura do corpo* apresento uma pesquisa com professores de educação física em atuação no ensino fundamental que, de fato, não contempla uma observação sistemática de sua atuação escolar. A pesquisa explicita que serão utilizados alguns pressupostos da antropologia (o que na época chamei de “olhar antropológico”) para analisar a atuação de professores de educação física. Não me considerava capaz para tal empreendimento no início dos anos de 1990. Em minhas pesquisas mais recentes, que têm gerado dissertações e teses de meus orientandos, temos tentado nos aproximar da proposta de Geertz de uma descrição densa³, apesar das dificuldades dessa tarefa, tais como a necessidade de inserção no campo de pesquisa durante um tempo longo e a própria especificidade de abordagem etnográfica, como atestam André (1995) e Fonseca (1999).

Moura e Lovisolo encerram o texto afirmando, em tom conclusivo, que “[...] a recorrência à antropologia, baseada em descrições não densas, talvez agregue confusão ao redemoinho sobre o que fazer na EFE”. Dizendo isso, parecem

3. No Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na área de concentração “Educação física e sociedade”, tenho orientado alunos de mestrado e doutorado que se propõem a realizar etnografias na perspectiva proposta por Geertz. Entre as pesquisas realizadas, posso destacar: “Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças”, de Rogério Cruz de Oliveira; “Os saberes cotidianos de alunos nas aulas de educação física: implicações para a prática pedagógica”, de José Carlos Rodrigues Júnior; “Os sentidos de gênero nas aulas de educação física”, de Simone Cecília Fernandes; “Educação física no ensino médio: representações dos alunos”, de Adalberto dos Santos Souza; “O jogo de futebol no contexto escolar e extra-escolar: encontro, confronto e atualização”, de Gilberto Leandro Busso. Esses trabalhos podem ser acessados a partir da Biblioteca Digital da Unicamp (<http://lbdigi.unicamp.br>).

querer afirmar que a contribuição de minha obra só seria efetiva se tivesse realizado a chamada “descrição densa”, desconsiderando toda a argumentação que trago, não só de Geertz, mas de outros autores, incluindo Mauss, que, em toda sua vida, não realizou etnografias. Desconsideraram também que a contribuição de Geertz nas ciências humanas e, especificamente, na antropologia, a partir da segunda metade do século XX, não se resume à criação de um novo método de pesquisa de campo, chamada por ele de “descrição densa”. Muito além disso, sua contribuição, além de fundamental para questionar a prática antropológica evolucionista e funcionalista que se fazia até as primeiras décadas daquele século, partiu de uma concepção semiótica para criar uma nova forma de olhar para a cultura e para o ser humano, vendo este como ser ativo na construção e reconstrução dos significados presentes no contexto social. Enfim, os autores não esclarecem seus leitores de que grande parte de minha obra se constitui de ensaios que recorreram a alguns conceitos de Geertz, Mauss e outros autores, para discutir a educação física, principalmente a sua atuação escolar.

(3) Moura e Lovisolo denotam com propriedade em minha obra um certo reducionismo que se apresenta numa reificação da antropologia diante de uma abordagem restrita e antiga da educação física, reeditando em termos menos politizados, segundo eles, o debate travado na área nos anos de 1980 entre reprodutores e transformadores, convencionais e revolucionários, tecnicistas e humanistas, tradicionais e progressistas, entre outros. Como se a partir da antropologia fosse possível superar uma visão de educação física de décadas atrás e resolver todos os seus problemas.

De fato, essa foi a consequência de várias proposições que a partir de fins da década de 1970 e durante a de 1980 passaram a recorrer a vertentes e autores das ciências humanas tentando incrementar o debate na área. Sem desconsiderar a importância histórica desse processo, há que se reconhecer que grande parte dessas proposições incorreu num certo absolutismo teórico, como se houvesse somente uma abordagem capaz de resolver todas as mazelas da área. Essa visão até certo ponto ingênua de ciência, que desconsiderava que não basta uma formulação teórica para superar a tradição da área, foi reavaliada por vários autores da educação física brasileira a partir da década seguinte, quando passaram a sistematizar seus estudos e formular propostas para a intervenção na educação física escolar.

Em minha tese de doutorado, publicada em livro em 1998 com o título *Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980*, obra, infelizmente, não analisada pelos autores do artigo, pude analisar justamente o debate travado nos anos de 1980 entre os autores e atores da educação física como um processo

cultural, tentando mostrar o enredo da trama para além de um embate de proposições teóricas.

Reconheço que minha produção teórica possa ter incorrido também nesse absolutismo teórico até certo ponto ingênuo, reduzindo tanto o alcance das críticas que fiz como das sugestões que apresentei. Entretanto, acredito que os autores desqualificam a própria crítica quando comparam esse procedimento – até certo ponto comum em áreas do conhecimento mais recentes como a educação física, que buscam conhecimentos oriundos de outras áreas para formulação de suas propostas de intervenção – com aquilo “que a antropologia tradicional denominava como difusionismo”, processo ocorrido no início do século XX e que se refere à explicação de alguns autores sobre a diversidade cultural em sociedades distintas. Penso que o que ocorreu com a minha produção e a de outros autores da educação física, com propriedade observado por Moura e Lovisolo, é um processo completamente diferente do que ocorreu com a antropologia no início do século XX. Uma coisa é o processo particular de uma área do conhecimento, num certo país e num certo período da história, ao descobrir novas possibilidades de reflexão a partir de autores das ciências humanas; outra coisa bem diferente é a explicação de alguns autores da antropologia para um processo de transmissão cultural entre sociedades espalhadas pelo mundo.

(4) Outro ponto importante criticado por Moura e Lovisolo em minha obra é a polaridade que eu teria criado entre as ciências humanas, no meu caso representadas pela antropologia, e as ciências naturais, representadas pela biologia, como se esta fosse culpada pela visão antiga e que se deseja transformar de educação física, e a solução viesse somente com a abordagem cultural pautada na antropologia social. Reconheço que essa polaridade possa estar presente em minha obra, principalmente em sua fase inicial, apesar de eu destacar, num dos textos analisados pelos autores (DAOLIO, 1995b), que a oposição natureza/cultura na educação física é falsa, apoiado numa interessante discussão de Geertz sobre a evolução humana, para quem não teria existido cultura sem um sistema nervoso humano e, da mesma forma, não teria existido sistema nervoso humano sem cultura. No corpo humano há uma indissociabilidade e integração entre as questões de natureza biológica e de natureza cultural.

Devo reconhecer, como sugerem Moura e Lovisolo, que a biologia é também uma área de conhecimento da cultura, estando imersa na dinâmica da sociedade, com interesses e interpretações os mais diversos. Afirmar, como eu o fiz, que as ciências biológicas consideram os seres humanos a partir das semelhanças e a antropologia a partir das diferenças é uma interpretação que generaliza tanto uma como outra e, de fato, não contribui para o avanço do debate na área de educação física.

Porém, não se pode negar que a tradição de pesquisa na área de educação física priorizou procedimentos oriundos das ciências naturais e que esse fato tem trazido até os dias de hoje consequências políticas importantes. Basta observarmos a estrutura dos programas de pós-graduação na área, a distribuição de verbas e bolsas, o teor de textos legais, a maioria dos currículos dos cursos de graduação na área para compreendermos a prioridade de um tipo de compreensão de educação física pautada em preceitos teóricos das ciências naturais. Ora, em que pese certos excessos em relação à forma do discurso em defesa das ciências humanas e contra as ciências naturais – que eu reconheço em minha obra e detecto na de outros autores –, a intencional polaridade entre uma e outra por vezes foi necessária a fim de se buscar estabelecer um equilíbrio entre elas.

(5) A visão de Clifford Geertz apresentada pelos autores – para afirmarem que não me apropriei profundamente de sua obra – está um tanto equivocada, além de superficial. Afirmam que realizei “pinceladas ou extrações” de autores da antropologia sem fazer um diálogo entre eles. Afirmam ainda que me restringi a “referências e apreciações feitas por Geertz sobre Malinowski e Mauss”. Ora, quem leu Geertz atentamente sabe que ele não se refere à obra de Mauss e o faz poucas vezes em relação à Malinowski. Então, o fato de eles aparecerem juntos em minha obra já denota um certo diálogo realizado por mim entre esses autores, apesar dos limites para essa difícil tarefa.

Outro ponto que denota uma leitura insuficiente por parte de Moura e Lovisolo da obra de Geertz é a visão de que esse autor “se situaria na posição de rejeição a todo universalismo e em defesa fechada do relativismo”, que não encontra apoio nas obras do autor. Para ratificar a interpretação de que Geertz defende o relativismo, citam em nota de rodapé (com o ano de publicação errado, já que o texto é de 2001) o famoso texto de Geertz intitulado “Anti anti-relativismo”, como se a dupla negativa (anti-anti) significasse a afirmação do relativismo.

O autor, logo no início do citado texto, recusando o rótulo de relativista, esclarece que opta por atacar os argumentos antirrelativistas a fim de destruir o medo infundado e preconceituoso do relativismo, alertando que a dupla negativa do título do texto não deve levar, como na matemática, a um posicionamento positivo, no caso a uma afirmação do relativismo. Utiliza como analogia a posição “anti-anti-pró-aborto”, que não significa a defesa do aborto como princípio, mas a crítica a alguns argumentos antiaborto. Em outros termos, o anti-antirrelativismo de Geertz não quer dizer pró-relativismo, como sugerem Moura e Lovisolo, mas o posicionamento em parâmetros menos preconceituosos tanto da posição relativista como das críticas antirrelativistas. Como Moura e Lovisolo fazem, deixo a indicação da leitura do texto de Geertz.

(6) Os autores fazem uma crítica à utilização que faço na educação física do conceito antropológico de “eficácia simbólica”. Citam o antropólogo Claude Lévi-Strauss para afirmar que “O mais próximo da eficácia simbólica, na ciência, é o placebo quando tem a eficácia da droga testada”, concluindo que “A apropriação da eficácia simbólica perde seu significado na análise da EF”.

Marcel Mauss antecipava esse conceito nas décadas de 1920 e 1930, falando de ações humanas dotadas de poderes mágicos ou sobrenaturais, como uma caçada de uma tribo na qual o sucesso dependia de os participantes entoarem um cântico ou levarem uma pedra de cristal entre os dentes. Mas foi Lévi-Strauss quem formulou esse conceito de forma direta em 1949 como uma propriedade indutora de uma transformação orgânica, especificamente se referindo à cura xamanística em tribos por ele pesquisadas, propriedade essa que estaria presente no próprio conjunto de crenças e rituais de um dado grupo.

Talvez eu não tenha aprofundado em minha obra o sentido original dado ao conceito de eficácia simbólica por Claude Lévi-Strauss, fato que pode ter levado outros à mesma interpretação de Moura e Lovisolo. Parti do conceito antropológico original de eficácia simbólica, mas também discuti seus desenvolvimentos e implicações, procurando fazer algumas relações com a prática de educação física. Minha intenção era a de opor ao conceito de “eficiência mecânica”, muito recorrente na educação física, um conceito que contemplasse a dimensão simbólica, dos sentidos e das intencionalidades dos sujeitos, presentes em suas relações com o corpo e com as práticas tradicionais da educação física.

Quando Mauss, em seu clássico texto sobre as técnicas corporais, afirma que todo gesto corporal se constitui em técnica, uma vez que é dotado de tradição e eficácia, está equiparando as técnicas corporais às demais técnicas humanas, inclusive as de cura, da qual bem falará Lévi-Strauss na década seguinte. Segundo o autor, o ser humano cria, ao longo de sua existência e em função de seu contexto cultural, certos costumes, que são transmitidos às gerações futuras. Essas ações vão-se tornando tradicionais justamente porque são dotadas de eficácia simbólica, ou seja, respondem a certas demandas da sociedade onde estão, possuindo significados relevantes para o grupo local.

Devo destacar que quando Mauss fala de eficácia, não explicita que é a eficácia simbólica, mas claramente está querendo opor-se a uma noção de resultado imediato e eficiente de uma técnica, já que o próprio conceito de “técnica” em Mauss sugere um avanço em relação à dimensão da eficiência e desempenho. Em outros termos, importa menos para Mauss se a tribo citada no exemplo anterior consegue caçar ou não, mas a sua crença nos procedimentos rituais para o sucesso da caça, crença essa que mantém os mesmos procedimentos e os transmite às gerações seguintes.

Considero o conceito de eficácia simbólica fundamental não só para a educação física, mas para todas as áreas que lidam com os seres humanos. Considero também que vai muito além da relação com o efeito placebo, sugerida pelos autores, relação essa que reduz o seu alcance e a própria consideração da dimensão simbólica e das relações com os significados das ações humanas, negando o sentido do próprio conceito.

Para citar um exemplo da compreensão reduzida dos autores sobre a eficácia simbólica, em dado momento falam do “[...] desenvolvimento do gesto esportivo eficaz, tradicional ou não [...]”, como se fosse possível falar de um gesto esportivo não tradicional. A própria noção de tradição na antropologia pressupõe a transmissão, não só de costumes e hábitos, mas sua constante significação por parte das pessoas. De acordo com os argumentos de Mauss, todo e qualquer gesto seria eficaz e tradicional.

Enfim, não precisamos nos prender às curas xamanísticas, placebos ou às explicações mágicas ou sobrenaturais para compreender que o conceito de eficácia simbólica permite ampliar a dimensão das técnicas corporais para além de sua eficiência mecânica, como desenvolvo em outros textos não analisados por Moura e Lovisolo.

(7) Moura e Lovisolo explicitam que o objetivo do seu artigo é a discussão da educação física escolar a partir da visão de cultura presente em minha produção acadêmica, mostrando, segundo eles, “algumas confusões que vigoram na área dos estudos culturais e pedagógicos da EF escolar”. Entretanto, a visão de educação física escolar que perpassa o texto de Moura e Lovisolo é um tanto diferente da que eu defendo, o que talvez justifique as críticas que os autores fazem à minha obra.

Estranhamente, os exemplos apresentados pelos autores em sua discussão são sempre sobre o treinamento esportivo. Em vez de se referirem a professores, falam várias vezes de treinadores (por três vezes num único parágrafo à página 139). Referem-se em dado momento ao “treinador durão de Menina de ouro”, referindo-se ao filme ganhador do Oscar em 2005. Em outro ponto do texto, afirmam que “os treinadores são especialistas em tornar o corpo um instrumento eficaz”, numa relação com as ideias de Mauss sobre tradição e eficácia. Concluem o raciocínio afirmando: “Por essas razões, exportamos jogadores e técnicos de futebol”. Resta perguntar aos autores qual a relação disso com as ideias de Mauss, com a educação física escolar e, principalmente, com a minha obra, que não trata de treinamento esportivo, nem da exportação de jogadores e técnicos de futebol.

Em outro momento do texto, os autores afirmam que “o treinamento esportivo também pode ser uma, mas não a única, entre as opções oferecidas pela

proposta da escola". Tem sido frequente na discussão sobre educação física escolar no Brasil a afirmação de que o treinamento esportivo não é responsabilidade da escola, que teria como objetivo, no caso específico da educação física, o conhecimento e a apropriação por parte dos alunos dos conteúdos culturais relacionados às manifestações corporais, como o esporte, o jogo, a ginástica, a luta e a dança. À escola não caberia oferecer a especialização em nenhum desses conteúdos, como, a rigor, ocorre com outras disciplinas escolares.

Quando sugerem que o professor de educação física deve ensinar um "mínimo ou básico de habilidades físicas", como na matemática, os autores parecem optar por uma visão de educação física escolar preocupada com o desenvolvimento de habilidades físicas, secundarizando os significados culturais dos quais são dotados os conteúdos da chamada cultura de movimento, expressos no jogo, ginástica, dança, luta e esporte. Essa, em minha opinião, foi a grande contribuição dos estudos que se debruçaram sobre o conceito de cultura na educação física a partir da década de 1980, dos quais me orgulho de ter feito parte, porém isso não é destacado pelos autores.

(8) Os autores analisam um texto de 2003 (que sintetiza parte de minha tese de livre docência, de 2002, e que também se tornou parte de meu livro *Educação física e o conceito de cultura*, de 2004), no qual proponho uma educação física da desordem. Criticam o que eles denominam de "palavras de difícil entendimento" e questionam o conceito de "desordem" da proposta. Mas o mais grave na crítica que fazem é que não localizam a origem desse conceito, que resgato de Roberto Cardoso de Oliveira, devidamente citado e explicado em meus trabalhos.

Esse autor, um dos principais antropólogos brasileiros e talvez o principal comentador da obra de Geertz no Brasil, realizou uma revisão dos paradigmas em antropologia, afirmando que com Clifford Geertz a área se libertou de qualquer ranço cientificista, abandonando o racionalismo característico dos chamados paradigmas da ordem, inserindo a categoria da desordem. Nos paradigmas da ordem havia, segundo o autor, a tentativa de controle ou domesticação de elementos tais como a subjetividade, o indivíduo e a história. Com Geertz essas três categorias constituem-se justamente em elementos de desordem quando transformados, respectivamente, em intersubjetividade, individualidade e historicidade.

Em minha pesquisa fiz uma relação entre a análise de Oliveira sobre a antropologia e as formas de trabalhar com o conceito de cultura por autores da educação física brasileira. Procurei analisar o conceito de cultura em várias proposições de autores, concluindo que alguns (Go Tani, João Freire e Coletivo de Autores) ainda estão reféns de paradigmas da ordem, para utilizar a expressão de Roberto Cardoso

de Oliveira. Em outros autores (como Elenor Kunz, Mauro Betti e Valter Bracht) começa a haver o rompimento com os elementos da ordem, culminando, com o auxílio das ideias de Geertz, em uma educação física da desordem.

Por ser uma discussão inovadora, portanto, polêmica e passível de críticas de várias ordens, mereceria um explicação que pelo menos localizasse aos leitores o percurso teórico por mim percorrido. Para os leitores de Moura e Lovisolo que não tiverem o cuidado de visitarem minha obra, e principalmente a obra de Roberto Cardoso de Oliveira, o conceito de “desordem” e a proposta de uma educação física da desordem realmente é de difícil entendimento.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Em minha produção acadêmica, tenho recorrido a alguns pressupostos teóricos da antropologia – desenvolvidos por vários autores, mas principalmente Clifford Geertz e Marcel Mauss – para pensar a área de educação física, com ênfase na sua atuação escolar. Motivado pelas críticas de Moura e Lovisolo, procurei neste texto rediscutir alguns pontos de minha obra, pontos estes que podem ser divididos em dois grupos. O primeiro, referente a conceitos da antropologia, e o segundo, referente às implicações para a área de educação física. No primeiro grupo pude discutir a “descrição densa” de Geertz e sua posição diante do relativismo na antropologia. Discuti também o conceito de “eficácia” e de “técnica corporal” em Mauss, relacionando com a educação física.

No segundo grupo pude discutir temas mais relacionados à educação física, tais como o alcance e as implicações da antropologia para essa área, a reafirmação da educação física escolar como uma disciplina que lida com conteúdos e significados culturais, e a proposição de uma educação física da desordem.

Além desses dois grupos de temas, acolhi algumas pertinentes observações feitas por Moura e Lovisolo de que minha obra pode ter contribuído para uma polarização entre as ciências humanas e as ciências naturais, além de ter incorrido numa certa reificação da antropologia, como se a contribuição desta fosse a única alternativa para a educação física. Essas críticas fazem-me analisar com mais cuidado a minha produção passada e a que virá, lembrando-me constantemente da responsabilidade que temos no mundo acadêmico.

A pior coisa que pode acontecer para uma produção acadêmica (seja um artigo, uma tese, um livro ou o conjunto dela) é não ser notada. De fato, no mundo acadêmico a intenção de todo autor é instigar a discussão na área de conhecimento da qual é integrante, lançar novas interpretações ou proposições, sabendo que, na dinâmica da ciência, as ideias são sempre provisórias, transitórias, por vezes ilusórias.

Sinto-me envaidecido por ter minha obra discutida e merecedora de um artigo científico de Moura e Lovisolo neste importante veículo. Sinto-me também instigado a continuar pensando, discutindo e escrevendo sobre esses temas, sentimento que me motivou a este texto. Mais e além de uma resposta aos autores, esse trabalho pretende continuar a inacabada discussão que empreendi em minhas produções acadêmicas.

Anthropology, culture and physical education at school:
considerations regarding Moura and Lovisolo's study

ABSTRACT: This text is originated from the paper by Diego Luz Moura and Hugo R. Lovisolo, entitled "Anthropology, culture and physical education at school" (originally "Antropologia, cultura e educação física escolar"), published in this journal, volume 29, number 3, May 2008, which aimed to analyse part of my academical production. Besides and beyond answering the authors, I seek to review some specific topics arisen from anthropology and their relation with physical education present in my work.

KEYWORDS: Anthropology; culture; school physical education.

Antropología, cultura y educación física escolar:
consideraciones acerca del estudio de Moura y Lovisolo

RESUMEN: Este texto se origina de la ponencia de Diego Luz Moura y Hugo R. Lovisolo, titulada "Antropología, cultura y educación física escolar" (en el original "Antropologia, cultura e educação física escolar") publicado en este periódico en el volumen 29, número 3, mayo de 2008, que tuvo como objetivo el análisis de parte de mi producción académica. Más allá de una respuesta a los autores, busco hacer una revisión de algunos temas específicos originarios de la antropología y su relación con la educación física presentes en mi obra.

PALABRAS CLAVES: Antropologia; cultura; educación física escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995a.

_____. A ruptura natureza/cultura na educação física. In: DE MARCO, A. de (org.). *Pensando a educação motora*. Campinas: Papirus, 1995b.

_____. *Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003.

_____. *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOURA, D. L.; LOVISOLO, H. R. Antropologia, cultura e educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 137-153, maio 2008.

OLIVEIRA, R. C. de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

Recebido: 21 jan. 2009

Aprovado: 30 jun. 2009

Endereço para correspondência

Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

Av. Érico Veríssimo, 701

Caixa Postal: 6134

Campinas-SP

CEP 13083-851